



# “Sedes Perfeito” no Contexto da Parousia: Perspectiva Bíblica, Histórica e nos Escritos de Ellen G. White a Respeito do Perfeccionismo

Felipe da Silva Cruz

**UNASP** 



# “Sedes Perfeito” no Contexto da Parousia: Perspectiva Bíblica, Histórica e nos Escritos de Ellen G. White a Respeito do Perfeccionismo

---

Felipe da Silva Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo investiga o conceito de perfeição cristã em três eixos principais: histórico, bíblico e escatológico, com foco especial no contexto adventista. Historicamente, mostra como o perfeccionismo nasce de leituras distorcidas da relação entre graça e obras, desde o judaísmo e o pelagianismo até movimentos adventistas como a Assembleia de 1888 e o Movimento da Carne Santa, nos quais um legalismo prático produziu expectativas irreais de santidade. Biblicamente, a exegese de Mt 5:48 demonstra que “perfeitos” significa maturidade e plenitude no amor, não impecabilidade nesta vida, reforçado por outros textos que usam τέλειος. Escatologicamente, critica a Teologia da Última Geração, argumentando que a impecabilidade plena só ocorre na glorificação, conforme 1Co 15:51-56, e conclui que a perfeição cristã é crescimento contínuo na graça e reprodução do caráter amoroso de Cristo.

**Palavras-chave:** Perfeição cristã, Perfeccionismo, Escatologia, Mateus 5:48, Teologia da Última Geração

**Abstract:** This article examines the concept of Christian perfection across historical, biblical, and eschatological dimensions, with particular emphasis on the Seventh-day Adventist context. Historically, it traces perfectionism from its roots in Judaism and Pelagianism to Adventist movements such as the 1888 General Conference Session and the Holy Flesh Movement, highlighting how practical legalism fostered unrealistic expectations of holiness. Biblically, an exegesis of Mt 5:48 demonstrates that "perfect" denotes spiritual maturity and fullness of love, not sinlessness in this life, reinforced by other texts employing teleios. Eschatologically, it critiques Last Generation Theology, arguing that full sinlessness occurs only at glorification, as per 1Co 15:51-56, concluding that Christian perfection entails continuous growth in grace and reproduction of Christ's loving character.

**Keywords:** Christian perfection, Perfectionism, Eschatology, Matthew 5:48, Last Generation Theology

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia e História pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: [felipe.cruz@unasp.edu.br](mailto:felipe.cruz@unasp.edu.br)

## 1. Introdução

O conceito de perfeição cristã permeia toda a história da Igreja Cristã, frequentemente originando interpretações divergentes e, em muitos casos, movimentos que se distanciam significativamente dos princípios bíblicos fundamentais. A má compreensão de o que a Bíblia apresenta como perfeição cristã tem levado diversos grupos religiosos a adotarem posições que ultrapassam os limites das Escrituras, resultando em movimentos com forte ênfase perfeccionista. Diante dessa realidade, surge a necessidade de uma construção teológica sólida e fundamentada que comtemple três dimensões essenciais: a perspectiva histórica do perfeccionismo, a análise bíblica a respeito da perfeição e a aplicação desse conceito no âmbito escatológico, no contexto da parousia.

A metodologia adotada neste artigo segue uma progressão cumulativa e lógica. Primeiramente, será exposto o desenvolvimento histórico do perfeccionismo, traçando suas raízes no judaísmo, seu surgimento no cristianismo primitivo e sua manifestação específica dentro do Adventismo, como o contexto da Assembleia da Associação Geral de 1888 e o Movimento da Carne Santa. Essa análise histórica fornece o contexto e a compreensão dos erros interpretativos que originaram tais ênfases errôneas. Em seguida, será realizada uma exegese de Mateus 5:48, utilizando-o como chave hermenêutica para a interpretação de demais textos bíblicos que tratam da perfeição cristã, estabelecendo, assim, uma base textual sólida e contextualizada. Por fim, aplicam-se esses fundamentos históricos e bíblicos à escatologia, demonstrando que a perfeição plena (no sentido de impecabilidade) é uma realidade destinada à glorificação no contexto da parousia, e não um estado alcançável na vida terrena presente.

Desse modo, o presente estudo não apenas desconstrói as interpretações perfeccionistas que carecem de embasamento nas Escrituras, mas também reconstrói a compreensão bíblica autêntica da perfeição cristã em suas múltiplas dimensões: espiritual, moral e escatológica. Ao integrar história, exegese bíblica e teologia sistemática, este artigo oferece uma análise abrangente que permite ao leitor compreender tanto os desvios históricos quanto a verdade bíblica, preparando o terreno para uma aplicação correta e reafirmando a esperança cristã no breve retorno de Cristo.

## 2. Panorama histórico do perfeccionismo

O perfeccionismo permeia a história da igreja cristã em todas as suas etapas. Suas bases remontam a antes mesmo do cristianismo, tendo forte influência no judaísmo (religião que serviu de base para o cristianismo). A seguir, este artigo fará um panorama histórico do perfeccionismo, culminando no perfeccionismo dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

### 2.1. Perfeccionismo no Judaísmo

Em decorrência da distância temporal entre Cristo e seus seguidores, muitas ideias foram implementadas ao longo da história do cristianismo, ideias que ampliam conceitos cristológicos, mas também ideias que não seguem os ensinamentos de Cristo ou da própria Bíblia. Logo, tais ideias passaram a ser chamadas de heresias, palavra derivada do grego αἵρεσις e que significa basicamente “escolha” ([Rusconi, 2003](#)).

Contudo, as raízes do perfeccionismo remontam de antes de Cristo e do cristianismo, partindo do judaísmo e absorvendo os seus conceitos. A soteriologia judaica desenvolve a ideia de salvação com base nos méritos do indivíduo, através de suas obras ao longo da vida, diminuindo assim o papel divino na obra de salvação, mas não o excluindo completamente ([Moraes, 2016](#)).

Este pensamento é visível nos evangelhos entre os contemporâneos de Cristo, como no caso do rico que perguntou a Cristo o que deveria fazer para herdar a vida eterna (Mt 19:16) ou do intérprete da lei que lhe fez a mesma pergunta (Lc 10:25). Além do mais, Cristo, ao contar a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18:9-14), repreendeu tal pensamento judaico legalista.

É importante notar que, como mencionado acima, após a ascensão de Cristo ao Céu, seus seguidores imediatos que conviveram com Ele tinham guardadas em suas mentes os ensinamentos de Cristo e Suas aplicações das Escrituras e, com base nisto, proclamaram tais conceitos e os adaptaram de acordo com as diversas realidades pertinentes daquela época. Um exemplo disto é a didaquê<sup>2</sup>, que foi escrita nos primórdios do cristianismo e que continha os ensinamentos apostólicos.

---

.....  
<sup>2</sup> A Didaquê ("Instrução dos Doze Apóstolos") é um documento do final do século I considerado a mais antiga fonte de lei eclesiástica e manual catequético da igreja primitiva (CAIRNS, E. E. **O cristianismo através dos séculos**, 2008. p. 69)

Logo, durante este período em que alguns dos seguidores de Cristo ainda estavam vivos, como os apóstolos, havia uma unidade doutrinária (não absoluta), haja vista que eles estavam próximos de sua Fonte no que tange ao tempo. Contudo, partindo da lógica, quanto mais longe no tempo eles estavam da Fonte, mais probabilidade havia de eles se distanciarem dos princípios de Cristo, e isto acabou ocorrendo.

## 2.2. Perfeccionismo no Cristianismo

Nos primeiros séculos da igreja cristã, muitas heresias surgiram, como o gnosticismo, marcianismo e o pelagianismo, do qual iniciou-se a ênfase perfeccionista dentro do cristianismo.

Pelágio foi um teólogo britânico, provavelmente de ascendência irlandesa, que viveu entre os séculos 4º e 5º. Sendo um erudito da teologia, desenvolveu algumas teorias, principalmente no que tange ao pecado. Pelágio não acreditava no pecado original ou em uma sucessão hereditária deste mal, pois, segundo ele, o pecado surge na vida do indivíduo a partir do ato pecaminoso dele, e não a partir dos atos dos antepassados. Em contrapartida, Pelágio cria em uma espécie de perfeição original, afirmando que o homem nasce com a plena capacidade de não cometer os atos pecaminosos; ou seja, para ele, viver isento do pecado era plenamente possível.

As ideias de Pelágio foram combatidas por seu contemporâneo, Agostinho de Hipona, e condenadas pelos sínodos de Mileva, Cartago e Éfeso. Entretanto, na tentativa de conciliar as ideias de Pelágio e Agostinho, foi desenvolvido ainda no século V, na região gaulesa da França, o chamado semipelagianismo que, diferente das ideias de Pelágio, admitia a graça como parte do processo da salvação, e não meramente como um auxílio externo, mas que cabia ao homem dar o primeiro passo. Assim como seu precursor, o semipelagianismo foi condenado através de um concílio, nesse caso, o Concílio de Orange, em 529 d.C ([Moraes, 2016; Champlin, 2021](#)).

Após esse protoperfeccionismo dentro do cristianismo, muitos outros teólogos ou grupos tiveram em suas declarações e crenças, ênfases perfeccionistas, como o monasticismo católico romano, os anabatistas e metodistas ([Champlin, 2021](#)).

### **2.3. Perfeccionismo no início do Adventismo**

Dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia também houve momentos de ênfase perfeccionista e/ou legalista, dos quais este artigo irá se ater em dois deles: a Assembleia da Associação Geral de 1888 e o Movimento da Carne Santa.

Uma leitura superficial da declaração de crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia de 1872 pode gerar a ideia de que a igreja tinha uma forte ênfase legalista. Aparentemente, a ênfase estava na obra humana e não na Obra de Cristo. É certo que havia um reconhecimento de que ninguém poderia guardar os mandamentos, a não ser com o auxílio de Cristo, e sem Ele não poderiam ser justificados. Contudo, está declaração era suprimida por diversas proposições que enfatizavam a guarda dos mandamentos.

Os primeiros adventistas eram ridicularizados por outros cristãos, sendo chamados de legalistas e judaizantes. Com receio de a Lei de Deus ser novamente esquecida, tais adventistas deram um enfoque na obediência e validade da lei, utilizando-se de textos-provas que confirmavam, por exemplo, a perpetuidade do sábado, dando assim, de forma contraproducente, argumentos favoráveis àqueles que os criticavam ([Schwarz; Greenleaf, 2009](#)).

Na tentativa de estruturar aquilo que era doutrina distintiva, como a verdade do sábado, o estado dos mortos e a mensagem do santuário, os pioneiros adventistas acabaram por negligenciar aquilo que era de vital importância para o cristianismo, como verdades sobre Cristo e Sua salvação. Inclusive, para alguns adventistas, a lei chegava a ser mais importante do que o próprio Cristo.

#### **2.3.1. Assembleia da Associação Geral de 1888**

Foi neste contexto que dois jovens se levantaram, por volta de 1884, para reafirmarem a Cristo e a fé: Ellet J. Waggoner e Alonzo T. Jones, ambos editores da *Songs of the Times* ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Por meio de um estudo aprofundado de Romanos e Gálatas, Waggoner e Jones passaram a se dedicar à pregação da justificação pela fé,

Buscando corrigir o que eles consideravam como um ponto de vista desequilibrado dentro do adventismo, a dupla pôs-se a convencer os leitores do Signs, estudantes do Healdsburg e membros das igrejas de São Francisco e Oakland de que a justificação pela fé deveria se tornar muito mais do que uma teoria doutrinária abstrata ([Schwarz; Greenleaf, 2009, p. 177](#)).

É válido ressaltar que, como já mencionado, o legalismo imperava entre os primeiros adventistas do sétimo dia, tendo eles como um dos seus lemas “obedeça e viva” ([Jones apud Knight, 2003, p. 56](#)). Alguns dos líderes, como George Butler e Uriah Smith, “ensinavam que o perdão dos pecados passados era um dom gratuito da graça mediante a fé, mas que a salvação presente e futura dependia da obediência do cristão” ([Fortin; Moon, 2008, p. 75](#)).

George I. Butler e Uriah Smith eram presidente e secretário da Associação Geral, respectivamente, na ocasião. Smith era também editor da *Review and Herald* ([Knight, 2003](#)). Ambos interpretavam que a lei em Gálatas 3 dizia respeito a lei ceremonial, sendo esta a interpretação tradicional dos adventistas do sétimo até aquele momento. Contudo, Waggoner, em um dos seus artigos publicados na *Signs of the Times*, defendeu que a lei mencionada por Paulo em Gálatas 3 referia-se à lei moral, isto é, os dez mandamentos.

Butler, receoso de tal interpretação fomentar a crença na abolição da lei, também se preocupava em dar combustível para os críticos, haja vista que, como supracitado, aquele era um momento em que a igreja recebia duras críticas oriundas das outras denominações cristãs.

Assim como havia divergência entre a interpretação da lei entre Butler e Waggoner, também havia uma divergência entre Jones e Smith. Smith era uma autoridade denominacional no que tange ao estudo das profecias de Daniel e Apocalipse, tendo escrito um best-seller editorial adventista, o livro *Thoughts on Daniel and the Revelation*. Smith compreendia que os hunos estavam entre os dez reinos mencionados em Daniel 7 (dez chifres), mas Jones acreditava que os hunos deveriam ser substituídos pelos alamanos ([Zukowski, 2023; Knight, 2003; Schwarz; Greenleaf, 2009](#)).

Em decorrência de tais divergências, Butler decidiu criar uma comissão teológica, composta por nove membros, durante a Assembleia da Associação Geral de 1886. Butler, Smith e até mesmo Waggoner fazia parte desta comissão e, depois de algumas horas de debate, chegaram ao voto de cinco contra quatro a favor da opinião de que a lei em Gálatas 3 era a lei ceremonial.

Após esta acirrada votação, Butler concordou em suspender qualquer debate doutrinário que pudesse causar dissensão entre os membros, e neste quesito, obteve oito votos a favor, excetuando Waggoner que ainda mantinha a volição de haver liberdade de discussões ([Schwarz; Greenleaf, 2009](#)).

Por fim, o confronto final ocorreu durante a Assembleia da Conferência Geral de 1888. Na ocasião da Assembleia, o pastor Butler estava enfermo e não pôde estar presente em decorrência de malária e exaustão nervosa. A Assembleia teve dois momentos: o instituto bíblico, que ocorreu dos dias 10 a 19 de outubro, e a assembleia propriamente dita, que ocorreu dos dias 17 de outubro a 4 de novembro. Dentre os assuntos discutidos na reunião do instituto ministerial estavam: a visão histórica dos dez reinos de Daniel sete e a questão da justificação pela fé.

Entretanto, o maior problema naquela ocasião não eram as diferenças teológicas, mas o espírito no qual as opiniões estavam sendo expostas. Para Ellen G. White, o espírito daquela reunião não refletia o espírito de Cristo ([White, 1987](#)). Segundo a profetisa, ela nunca foi tratada em toda a sua vida da forma como foi tratada na ocasião da Assembleia, visto que, Ellen G. White apoiava a mensagem de Waggoner e Jones. Este apoio gerou boatos de que Ellen fazia parte de uma conspiração para mudar as crenças doutrinárias da Igreja. Para Ellen, a Assembleia foi um triste marco em todo o seu ministério.

Por fim, a Assembleia ocasionou mudanças na liderança da Igreja. Butler e Smith perderam os seus cargos de liderança. Jones assumiu o lugar de Smith como editor da *Review and Herald*. Além de que, Jones e Waggoner passaram a ser os teólogos mais influentes da Igreja durante a década de 1890.

Após a Assembleia, já na década de 1890, Ellen G. White uniu-se a Waggoner e Jones e, juntos, eles viajaram por várias partes dos Estados Unidos proclamando a mensagem de Cristo, de Sua graça e Sua justiça. Após o triste evento de 1888, Ellen G. White escreveu grandes obras que tinham Cristo como centro, como: Caminho a Cristo (1892), O Maior Discurso de Cristo (1896), O Desejado de Todas as Nações (1898) e Parábolas de Jesus (1900) ([Schwarz; Greenleaf, 2009; Fortin; Moon, 2008; Knight, 2003](#)).

### 2.3.2. Movimento da Carne Santa

Entre os anos de 1892 e 1894 houve um grande movimento de reavivamento em busca da santificação nos arredores da cidade de Battle Creek, Michigan, liderado por Alonzo T. Jones e William W. Prescott. Ambos pregavam que a chuva serôdia estava para cair e se basearam nas experiências “proféticas” de uma jovem chamada Anna Rice. A jovem não reivindicava o status de profetisa de uma forma pretensa, mas de uma forma sincera. Ela até mesmo quis se aconselhar com Ellen White, para que ela recebesse a confirmação, ou não, do seu dom, mas Ellen estava na Austrália na ocasião. Na ausência de Ellen White, a jovem decidiu se aconselhar com A. T. Jones e ele não só aprovou o seu dom, como também a incentivou ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Jones e Precott pretendiam utilizar os “testemunhos” de Anna Rice na Assembleia da Conferência Geral de 1893 para provarem que a chuva serôdia havia caído, mas Ole A. Olsen, presidente da Associação Geral na época, não os autorizou. Porém, após uma viagem de Olsen para a Austrália, Jones e Prescott aproveitaram a deixa para colocarem o seu plano em prática.

Foi quando, já em 1894, que Ellen White, ciente dos acontecimentos, enviou uma série de carta desaprovando a atitude de Jones e Prescott. Segundo ela, o “dom” profético da jovem Rice não tinha provas suficientes que atestassem a sua autenticidade. A senhora White disse que o equívoco não havia sido da jovem, mas de quem a incentivou. Jones e Prescott se desculparam e prometeram serem mais cautelosos. Anna Rice, após isso, abdicou de suas reivindicações e passou a se dedicar como uma obreira bíblica ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Contudo, outros continuaram pregando a respeito da santificação, como Albion F. Ballenger que, a partir de 1897, juntamente com Jones, começou um segundo reavivamento exortando as pessoas a receberem o Espírito Santo. A mensagem de Ballenger era de que, depois de receber o perdão dos pecados, o crente deveria seguir para a próxima etapa: o batismo do Espírito Santo. Somente assim o indivíduo estaria apto para testemunhar e se curar de enfermidades. Assim como outros movimentos de reavivamento em busca da santidade fora do escopo adventista, o reavivamento promovido por Ballenger possuía uma forte ênfase na cura.

Através da mensagem de Ballenger, Robert S. Donnel e S. S. Davis, presidente e evangelista da Associação de Indiana, respectivamente, interpretaram os seus

ensinamentos de forma radical. Para eles, a conversão tinha a capacidade de substituir a carne terrena corruptível pela mesma carne da glorificação por ocasião da volta de Cristo. Essa ideia de uma mudança de carne em decorrência da conversão inspirou o nome do movimento: “carne santa” ([Fortin; Moon, 2008](#)).

Além da influência de Ballenger, as afirmações de outros perfeccionistas também serviram para a formulação das ideias de Donnel e Davis, sendo eles: Jones e Sarepta Myrenda I. Henry, outra líder do reavivamento da vitória sobre o pecado e da cura do corpo.

Ellen White, ao saber do movimento, logo se posicionou. Ela considerou o movimento não só errado teologicamente, mas afirmou que ele poderia ocasionar uma espécie de anarquia moral. Segundo ela, tal movimento poderia fomentar a crença de que alguém convertido estava imune ao pecado. Após isso, Donnel confessou o seu erro e posteriormente o movimento perdeu a sua força ([Fortin; Moon, 2008](#)).

### 3. Perfeição Cristã: Uma Análise Bíblica

Na Bíblia, é possível encontrar diversos textos a respeito da perfeição cristã. De acordo com Heppenstal, há pelo menos nove palavras hebraicas e seis palavras gregas que traduzem a ideia de perfeito ou perfeição ([2016](#)). O Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia diz:

No AT, o conceito de perfeição é representado principalmente pelas palavras *tamim* e *shalem*, que significam completo, inteiro e pleno. No NT, perfeição está relacionada com a palavra grega *teleios*, que significa completo ou maduro – aquilo que alcançou seu alvo (*telos* em grego) ([Blazen, 2011, p. 335](#)).

A definição bíblica de perfeição é “compreendida como o aperfeiçoamento de uma relação correta com Deus, entrega completa, uma madura e inabalável fidelidade a Jesus Cristo” ([Heppenstal, 2016, p. 34](#)).

A ideia de que a perfeição moral e espiritual pode ser atingida e mantida nesta vida é atribuída ao perfeccionismo ([Ibid.](#)). No entanto, a Bíblia em nenhuma parte endossa a ideia de que ser perfeito é sinônimo de impecabilidade ([Blazen, 2011](#)).

Tendo isso em mente, este artigo analisará o texto de Mateus 5:48 e o utilizará como chave hermenêutica para interpretar os demais textos bíblicos que falam a respeito da perfeição e que são frequentemente utilizados por aqueles que aderem ao perfeccionismo.

### 3.1 Mateus 5:48

“Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês, que está no céu” (NAA). O texto de Mateus 5:48 está dentro do sermão do monte, trecho que vai de Mateus 5:1 até Mateus 7:29. O capítulo 5 de Mateus dá início ao sermão do monte. As perícopes do capítulo na Nova Almeida Atualizada estão divididas da seguinte forma: “O sermão do monte”; “As bem-aventuranças”; “Sal e luz”; Ensino a respeito da Lei”; “Ensino a respeito da ira”; “Ensino a respeito do adultério”; “Ensino a respeito do divórcio”; “Ensino a respeito de juramentos”; “Ensino a respeito da vingança” e, por fim, “O amor aos inimigos”. Siqueira, ao apresentar uma síntese do público-alvo do sermão do monte, diz:

Os ensinamentos éticos do sermão do monte não foram endereçados para gentios ou muito menos para os fariseus cheios de justiça própria, mas antes, para: os filhos de Deus que oravam a seu pai celestial (Mt 6:9 7:7-11); para os que são chamados de “sal da terra” e “luz do mundo”, cuja luz não deveria iluminar suas próprias boas obras, mas antes glorificar o “Pai que está no céus” (Mt 5:13-16); para aqueles que não se orgulham de sua justiça própria mas antes tem “fome e sede de justiça” e “buscam em primeiro lugar o reino de Deus e a sua Justiça” (Mt 5:6; 6:33) ([Siqueira, 2009, p. 15](#)).

O sermão do monte é tanto o ato de inauguração do governo de Cristo como Rei do reino da graça quanto o conjunto de regras que definem o funcionamento deste reino ([Comentário Bíblico Adventista Do Sétimo Dia, v. 5, 2020](#)). O início do sermão é marcado pelas bem-aventuranças, que contém “segredos para uma felicidade real e profunda” ([McIver, 2024, p. 98](#)). Dos versos 13 a 16, Jesus exemplifica a relação dos discípulos com o mundo e, a respeito disso, Craig S. Keener comenta: “Um discípulo do Reino que não vive conforme sua identidade (5.3-12) tem o mesmo valor que o sal sem sabor ou uma luz invisível” ([2017, p. 57](#)). Logo, segundo esse pensamento, para o cristão ser sal e luz para o mundo, ele deve refletir em sua vida diária as lições contidas nas bem-aventuranças.

Por fim, dos versos 17 a 20, Jesus introduz o tema do restante do capítulo: como os seus seguidores devem entender as leis encontradas no Antigo Testamento (McIver, 2024). Usando por seis vezes a antítese (“ouvistes o que foi dito aos antigos [...] Eu porém vos digo), que iniciam em Mt 5:21 e vão até Mt 5:47, Jesus lida com os ensinamentos rabínicos a respeito da lei ([Silva, 2016](#)). “Mas, como bem observou Glen H. Stassen, não se trata de uma contradição entre Jesus e a Torá, e sim de uma oposição do Mestre a determinada interpretação da Torá” ([Stassen apud Silva, 2016, p. 80](#)). MacArthur ([2019, p. 1097](#)) também reflete este pensamento ao comentar:

Não devemos pensar que o ensino de Jesus nos versículos que se seguem pretendia alterar, revogar ou substituir o conteúdo moral da lei do AT. Ele não dá uma nova lei nem modifica a antiga, mas explica o verdadeiro significado do conteúdo moral da Lei de Moisés e do restante do AT.

Fato é que, Jesus estava demonstrando aos seus discípulos como eles poderiam exceder a justiça dos escribas e fariseus (5:20). Os fariseus pertenciam ao grupo religioso mais respeitado de toda Judeia e os escribas eram os especialistas da Lei. Entretanto, a guarda da Lei por parte dos escribas e fariseus era marcada pela superficialidade e pela mera aparência externa. Fica evidente, com base nos versículos que se seguem, que Jesus não compactuava com tal obediência farisaica, mas que, para Ele, a lei exige uma conformidade interna com o seu espírito e não unicamente uma simples conformidade externa com a letra ([Keener, 2017; Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, 2020; Macarthur, 2019; Silva, 2016](#)).

A fim de ensinar como os discípulos poderiam exceder a justiça dos escribas e fariseus, Jesus usa seis exemplos da lei. “Dois deles (v. 21-26, 27-30) se referem aos Dez Mandamentos (Êx 20:1-17), enquanto o restante está espalhado nos outros códigos de lei e um, talvez por implicação, nos Salmos” ([McIver, 2024, p. 100](#)).

A perícope onde se encontra o verso chave desta seção inicia no verso 43. A respeito deste verso, Robert K. McIver diz que o seu início (“ame o seu próximo”) reflete o ensinamento contido em Levítico 19:18, mas que o seu final (“e odeie o seu inimigo”) não está presente em nenhuma parte do Antigo Testamento, mas, provavelmente, reflete algum ditado popular dos dias de Jesus ([McIver, 2024](#)).

A temática da perícope (v. 43-48) está na centralidade do amor como o padrão de comportamento. Isto fica mais claro dada a repetição da raiz da palavra grega para amor (*ἀγαπάω*), raiz esta que se repete por quatro vezes no Novo Testamento Grego revisado da Sociedade Bíblica do Brasil ([2018](#)). Logo, a ideia é que sem o amor, todos os ritos e obrigações da lei são vazios ([Silva, 2016](#)).

Outro ponto a ser salientado é que Jesus não estava endossando o ódio para com os inimigos, como alguns grupos judaicos, mas enfatizando a necessidade de amar. Demonstrar amor para quem nos ama, segundo Jesus, até mesmo gentios e publicanos fazem. Cidadãos de Seu Reino devem ir além disso: devem amar até mesmo aqueles que os odeiam. Isto é exceder a justiça dos escribas e fariseus ([McIver, 2024; Keener, 2017](#)).

Dado este contexto, podemos analisar semanticamente a palavra grega traduzida para “perfeito” no verso 48: *τέλειος* (*teleios*). Segundo o Léxico Grego-Português do Novo Testamento, *τέλειος* pode ter amplos significados: “relativo a ser perfeito no sentido de não carecer de nenhuma qualidade moral” ([Louw; Nida, 2021, p. 664](#)); “relativo a ser verdadeiramente e totalmente genuíno” ([Ibid., p. 601](#)); “relativo a não ter nenhum tipo de defeito” ([Ibid., p. 628](#)); “relativo ao que está totalmente realizado ou concluído” ([Ibid., p. 586](#)); “relativo a ser maduro em seu comportamento” ([Ibid., p. 670](#)); “relativo a um ser humano adulto” ([Ibid., p. 96](#)); “alguém que é iniciado numa comunidade religiosa de fé” ([Ibid., p. 113](#)).

Em Mateus 19:21, *τέλειος* aparece pela segunda e última vez nos evangelhos ([Siqueira, 2009](#)). O texto diz: “[...] se você quer ser **perfeito**, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus [...]” ([NAA, grifo nosso](#)). Pelo contexto imediato, com base na pergunta do jovem sobre o que lhe faltaria para que ele herdasse a vida eterna (visto que, segundo ele, ele observava a lei), o sentido de *τέλειος* é o de completude. É como se Jesus dissesse: por mais que você observe toda a lei, falta-lhe algo e, se você quer ser perfeito/completo, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres.

O texto paralelo de Mateus 5:48 encontra-se em Lucas 6:36, onde, diferente do evangelho mateano que utiliza a palavra *τέλειος*, o texto lucano utiliza a palavra *οἰκτήρω*, que significa misericórdia. “Sejam misericordiosos, como também é misericordioso o Pai de vocês” (Lucas 6:36, NAA). O objetivo para a utilização de palavras diferentes pode ser entendido através do seguinte pensamento:

Lucas enfatiza a misericórdia como a qualidade divina a ser imitada, refletindo uma ênfase na compaixão ativa nas relações humanas. Mateus, por outro lado, estende o conceito para uma perfeição integral que inclui a misericórdia, mas que também abrange a integridade moral e espiritual total, em consonância com as exigências radicais do Sermão do Monte ([Del Águila Tananta, 2025, p. 9634, tradução nossa](#)).

A B'rit Hadashah<sup>3</sup>, ao traduzir *τέλειος*, *utilizou a palavra hebraica שָׁלֵם* (*shalém*) (1998) que, segundo Luis Alonso Schökel, significa: “completo, íntegro..., terminado, acabado...” ([Schökel, 2018, p. 676](#)). Contudo, diante do contexto já exposto neste artigo, diferentemente do contexto do capítulo 19, o sentido de *τέλειος* deva estar de fato associado a algo que deve atingir plenamente um estado sem defeito.

.....  
<sup>3</sup> A tradução do Novo Testamento para o hebraico.

A palavra grega *ώς* (*hōs*), traduzida por “como” (“[...] como é perfeito o Pai [...]”) pode ser tanto uma partícula comparativa como uma conjunção denotando comparação (Gingrich; Danker, 1993). A palavra *ώς* tem Deus Pai como objeto de comparação, logo, assim como o Pai é perfeito, nós devemos ser perfeitos. Mas que perfeição é esta que o texto está falando? Seria uma perfeição moral ou um indício de que a impecabilidade é possível antes da parousia?

Mediante o contexto, fica evidente de que Jesus não estava referindo-se a uma perfeição no sentido soteriológico. O contexto indica a necessidade de amar e, nesse sentido, os Seus discípulos deveriam buscar se assemelhar a perfeição amorosa do Pai. “Com relação aos inimigos, como o contexto indica, espera-se que os seguidores de Jesus os amem como Deus os ama. Assim, serão perfeitos como seu Pai celestial é perfeito” (Mciver, 2024, p. 104). Del Águila Tananta também comenta:

Essa perfeição se apresenta não apenas como uma aspiração moral, mas como um reflexo da perfeição de Deus, que manifesta amor indiscriminado para com todos, tanto justos quanto injustos. Nesse contexto, a perfeição (*τέλειος*) é compreendida não simplesmente como a ausência de defeitos, mas como uma plenitude de amor e misericórdia que caracteriza o próprio Deus (2025, p. 9635, tradução nossa).

Portanto, a interpretação perfeccionista de que a perfeição apresentada por Jesus na passagem trata-se de uma referência à perfeição soteriológica no sentido de impecabilidade não encontra respaldo com base no contexto mediato e imediato e nem com o objetivo de Cristo ao dizer estas palavras. Silva, ao responder tal interpretação perfeccionista, conclui:

O sentido, portanto, de Mateus 5:48 não é apresentar um padrão idealístico para a salvação, muito menos endossar qualquer entendimento perfeccionista da santificação. O intuito é mostrar como os discípulos do reino devem tratar os demais que, de um modo ou de outro, não fazem parte do seu círculo de relacionamento (Silva, 2016, p. 89).

Ainda há uma série de textos bíblicos que falam a respeito da perfeição cristã, especialmente no Novo Testamento. Textos estes que utilizam, assim como Mateus 5:48, *τέλειος* para se referir a perfeição. Contudo, o texto mateano pode ser utilizado como chave hermenêutica para interpretar os demais textos. A seguir, este artigo trará alguns destes textos. Em 1 Coríntios 2:6; 14:20; Efésios 4:13-14; Filipenses 3:15 e Hebreus 5:14, o uso de *τέλειος* denota o sentido de maturidade. Todavia, em nenhuma parte do cânon bíblico há a indicação de que alcançaremos a perfeição suprema ainda nesta vida terrena. Em Filipenses 3:12, Paulo deixa muito claro que a perfeição suprema é um alvo ainda a

ser alcançado ([Dicionário Bíblico Adventista Do Sétimo Dia, 2020](#)). O Dicionário Bíblico Adventista define o cristão perfeito como:

Aquele cujo coração e vida são totalmente dedicados à adoração e ao serviço de Deus, isto é, à meta de crescimento constante na graça, no conhecimento e na prática da verdade espiritual, e que obteve certo grau de experiência na cooperação com o Espírito Santo [...] Logo, o ser humano é perfeito aos olhos de Deus quando alcançou o grau de desenvolvimento esperado dele em um dado momento. É um cristão maduro, completamente dedicado ao Senhor, que, **embora ainda tenha fraquezas a superar**, prossegue rumo ao alvo da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (Fp 3:12-15) ([2020, p. 1061, grifo nosso](#)).

#### 4. Perfeição Cristã no Âmbito Escatológico

Ao aplicar o conceito de perfeição no âmbito escatológico, muitos acabaram caindo no erro de concluir que a perfeição plena (impecabilidade) deve ser atingida antes da segunda vinda de Cristo. Dentro do meio adventista, proeminentes teólogos aderiram ao que foi intitulada de “Teologia da Última Geração”, teólogos como Herbert Douglass, Clifford Goldstein e M.L. Andreasen, o maior expositor dentre eles ([Meira Júnior, 2017](#)).

Andreasen, assim como os demais defensores da TUG (Teologia da Última Geração), entendem, com base em Apocalipse 14:4-5 e Filipenses 3:12-15, que a geração final de cristãos imediatamente antes da parousia deve atingir a perfeição absoluta. Para ele, Jesus só voltará quando a impecabilidade for alcançada por Seu povo ([Adams, 2016](#)).

Os adeptos da TUG utilizam textos-prova retirados da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White que, aparentemente, corroboram com suas ideias. Contudo, em ambas as fontes, deve-se utilizar critérios hermenêuticos para a correta interpretação dos textos, o que inclui entender o contexto das passagens, assim como o objetivo e o público-alvo ([Meira Júnior, 2017](#)).

Um texto, sem a análise do seu contexto, pode incitar uma interpretação errônea. Por exemplo, se uma noiva endereça uma mensagem a uma floricultura dizendo que todas as flores devem ser vermelhas, uma análise superficial do texto, sem o contexto, pode levar à interpretação de que tal noiva é favorável a que todas as flores existentes no mundo, segundo ela, devem ser vermelhas.

Como já mencionado neste artigo, a Bíblia não oferece embasamento para o perfeccionismo, tampouco para a TUG. Desse modo, ao não dispor de fundamentos bíblicos suficientes para sustentar suas proposições, os adeptos da TUG recorrem a textos

isolados de Ellen G. White. Assim, a primazia de sua construção teológica passa a estar fundamentada nos escritos de Ellen G. White ([Adams, 2016](#)).

Um dos textos mais utilizados de Ellen G. White para embasar uma ideia de impecabilidade pré-parousia encontra-se em seu livro “Parábolas de Jesus”, onde ela diz: “...Quando o caráter de Cristo se reproduzir perfeitamente em Seu povo, então virá para reclamá-los como Seus” ([1996, p. 69](#)). Roy Adams faz uma análise minuciosa do texto e conclui algo muito diferente do que os adeptos da TUG.

O texto mencionado foi retirado do terceiro capítulo do livro, um capítulo que fala a respeito da parábola do semeador (Marcos 4:26-29) e no qual Ellen G. White aplica os processos agrícolas ali descritos à vida dos seguidores de Cristo.

Segundo ela, a frutificação da semente não se dá para si mesma. Assim é com o cristão, ele existe para a salvação do próximo. Não há frutificação na centralidade do eu. Logo, o capítulo faz um chamado para um espírito altruísta e abnegado que deve ser desenvolvido na vida de todo cristão.

Ellen G. White também menciona as “graças do Espírito” que amadurecerão em nosso caráter. Essas “graças do Espírito” fazem referência a lista dos frutos do Espírito descrita em Gálatas 5:22-23. “Quando esses ‘frutos’ amadurecerem plenamente, Cristo, o lavrador celestial, imediatamente lança a foice, diz ela, ‘porque está chegada a ceifa’” ([White apud Adams, 2016, p. 65](#)).

Portanto, com base nessa ótica, o caráter de Cristo, no contexto da passagem em questão, não diz respeito à Sua impecabilidade, mas a reprodução de Seu espírito. “O Caráter de Cristo é o Espírito do amor abnegado e do sacrifício por outrem” ([Adams, 2016, p. 66](#)).

Portanto, em síntese, o contexto da passagem não dá margem para a compreensão de que o caráter de Cristo se refira à Sua impecabilidade, mas sim ao espírito de Cristo, um espírito abnegado, altruísta, compassivo e amoroso. Logo, segundo Ellen G. White, quando os cristãos refletirem esse espírito para o mundo, “[haverá] uma centena de conversões à verdade onde agora só existe uma” ([White, 2006, v. 9, p. 189](#)). Ou seja, não era a intenção de Ellen G. White endossar o perfeccionismo com tal frase. Antes disso, ela pretendia ensinar que os cristãos deveriam refletir a Cristo para o mundo, para que

assim Ele volte para resgatá-los; não somente a eles, mas também àqueles a quem alcançaram ([Adams, 2016](#)).

Outra passagem de Ellen G. White utilizada por aqueles que defendem uma impecabilidade antes do segundo advento de Cristo, encontra-se no livro “O Grande Conflito”, onde ela diz:

“Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o caráter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal” ([White, 2013, p. 425](#)).

Com base neste texto, alguns defendem que por conta da impecabilidade dos justos, o ministério de Cristo no santuário celestial se encerrará. Em outras palavras, eles alcançarão tal grau de impecabilidade que não mais precisarão de um Salvador.

Contudo, como bem observa Knight, em seu livro “Pecado e Salvação”, Cristo deixará o santuário, pois a sua obra ali terminara, e não porque os salvos atingiram um nível de impecabilidade. Todos os casos foram julgados e decididos. A porta da graça se fechou e agora todos estarão selados. Uns receberam o selo de Deus; outros, porém, receberam a marca da besta. Ele diz: “...não precisam de um mediador, porque puseram fim ao pecado consciente, voluntário e militante. Tomaram a decisão de viver permanentemente a vida cristã [...]” ([Knight, 2016, p. 207](#)).

Há um outro trecho retirado de “O Grande Conflito” onde Ellen G. White afirma: “devemos procurar tornar-nos perfeitos em Cristo” ([White, 2013, p. 623](#)). Como a citação é retirada de um capítulo onde ela fala do tempo de angústia, alguns entendem que naquele período, os salvos deverão alcançar a perfeição absoluta. Entretanto, o contexto indica a que tipo de perfeição ela estava se referindo.

Ela não estava dizendo que os salvos deveriam alcançar a impecabilidade, mas que deveriam subjugar os seus pecados acariciados. Os santos no tempo de angústia não alimentam mais os seus pecados, tampouco fomentam um espírito de rebeldia para com Deus. “Eles **estão** perfeitos, mas ainda não **são** perfeitos; sem pecado, mas ainda não impecáveis” ([Knight, 2016, p. 206, grifo nosso](#)).

Knight deixa muito claro, com respaldo bíblico e nos escritos de Ellen G. White, que a impecabilidade só será alcançada por ocasião da parousia, quando seremos transformados em um corpo incorruptível e, finalmente, perfeitos de forma plena, sem

qualquer resquício de pecado. Esta conclusão pode ser entendida através das seguintes palavras:

“Embora sejam impecáveis no sentido de não mais acariciarem o pecado e a rebeldia, sua impecabilidade definitiva aguarda a última trombeta de Deus [...] Os santos no tempo de angústia são impecáveis em atitude e ação consciente. Sua impecabilidade será completada na segunda vinda, quando Deus lhes transformará o corpo mortal e limitado [...]” (*Ibid.*, p. 206-207).

Há também uma citação de Ellen G. White em que ela, de forma clara, afirma que o estado no qual os perfeccionistas pensam que pode ser atingido ainda nessa vida, só ocorrerá na glorificação. Ela diz: “Não podemos dizer ‘estou sem pecado’, antes que este vil corpo seja transformado segundo a semelhança de Seu corpo glorioso” (*White, 1965, p. 749*). A citação ainda contém uma repreensão àqueles que, de forma equivocada, afirmam que alcançaram a impecabilidade.

Por fim, em 1 Coríntios 15:51-56, ao tratar da segunda vinda de Cristo, Paulo, inspirado por Deus, diz:

[...] nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta [...] nós seremos transformados [...] e quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: ‘tragada foi a morte pela vitória’. ‘Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?’ O aguilhão da morte é o pecado [...]” (NAA).

Observa-se que, segundo o autor inspirado, o aguilhão da morte é o pecado, e sua derrota plena não ocorre antes, mas no momento da transformação escatológica, isto é, “quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade” (v. 53). Somente então, conforme afirma o apóstolo, “se cumprirá” (v. 54) a promessa da vitória definitiva sobre o pecado, o que implica a erradicação completa de sua presença e, consequentemente, a condição de plena impecabilidade, alcançada apenas na glorificação.

Conclui-se, portanto, que a Teologia da Última Geração não encontra respaldo nem nas Escrituras nem nos escritos de Ellen G. White quando estes são interpretados à luz de seus respectivos contextos. A perfeição exigida do povo de Deus diz respeito à maturidade espiritual e à reprodução do caráter de Cristo no sentido de amor, obediência e entrega, e não à impecabilidade pré-parousia. Conforme atestado por Paulo em 1 Coríntios 15:51-56, a erradicação plena do pecado ocorre somente na glorificação, no momento da transformação escatológica, reafirmando que a esperança cristã repousa na obra de Cristo e não no desempenho humano.

## 5. Conclusão

O presente artigo buscou demonstrar que o conceito de perfeição cristã, quando corretamente compreendido à luz das Escrituras, distancia-se substancialmente das propostas perfeccionistas que marcaram diversos movimentos ao longo da história da Igreja. A análise histórica evidenciou que tais ênfases não surgem de forma isolada, mas reaparecem de modo recorrente sempre que a centralidade da graça é obscurecida por uma confiança excessiva no desempenho humano. No contexto adventista, essa tendência manifestou-se de forma clara em episódios como a Assembleia da Associação Geral de 1888 e o Movimento da Carne Santa, ambos ilustrando os perigos de uma teologia desequilibrada no que tange à santificação.

A investigação exegética de Mateus 5:48 mostrou-se fundamental para a construção de uma compreensão bíblica sólida da perfeição cristã. Longe de apresentar um ideal de impecabilidade soteriológica, o ensino de Jesus, inserido no contexto imediato e mediato do Sermão do Monte, aponta para uma perfeição fundamentada no amor e na misericórdia que refletem o próprio caráter de Deus. A análise semântica de τέλειος, bem como sua relação com o paralelo lucano, reforça a ideia de maturidade, integridade e plenitude no amor, e não de ausência absoluta de pecado. Assim, Mateus 5:48 não legitima o perfeccionismo, mas redefine o padrão da vida cristã como uma resposta contínua à graça divina.

Ao aplicar esse entendimento ao âmbito escatológico, tornou-se evidente que a perfeição plena, entendida como impecabilidade absoluta, não pertence à experiência presente do cristão, mas à realidade futura da glorificação por ocasião da parousia. A crítica à Teologia da Última Geração demonstrou que suas proposições carecem de respaldo bíblico e dependem, em grande medida, de leituras fragmentadas tanto das Escrituras quanto dos escritos de Ellen G. White. Quando interpretadas em seus contextos adequados, tais fontes não sustentam a ideia de uma geração final impecável que condicionaria a volta de Cristo, mas reafirmam a centralidade da obra redentora de Cristo e a transformação final operada por Deus.

Dessa forma, a perfeição exigida do povo de Deus deve ser compreendida como maturidade espiritual, fidelidade relacional e reprodução do espírito de Cristo, marcado pelo amor abnegado, pela obediência e pela dependência constante da graça. A esperança cristã não repousa na capacidade humana de erradicar o pecado nesta vida, mas na

promessa escatológica da transformação final, quando “este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade” (1 Coríntios 15:54). Conclui-se, portanto, que uma teologia bíblica da perfeição não conduz ao perfeccionismo, mas à humildade, à confiança em Cristo e à viva esperança na parousia, na qual a obra iniciada pela graça será, enfim, consumada pela glorificação.

## 6. Referências Bibliográficas

ADAMS, R. **O que Deus Requer?**: uma análise crítica da teologia da ‘última geração’. In: RODOR, A; MILLI, A; FOLLIS, R. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.57-76.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BLAZEN, Ivan. **Salvação**. In: DEDEREN, R. Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 305-352.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. v. 4. São Paulo: Hagnos, 2021.

COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. v.5. (ed. Vanderlei Dorneles). Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020

DEL ÁGUILA TANANTA, R. H. **El significado y la función de teleios en Mateo 5:48**: un estudio histórico bíblico-teológico. Ciencia Latina: Revista Científica Multidisciplinar, Ciudad de México, v. 9, n. 4, jul./ago. 2025. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10405097>. Acesso em: 14 de dezembro de 2025.

DICIONÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

FORTIN, D; MOON, J. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. **Léxico do Novo Testamento**: grego – português. São Paulo: Vida Nova, 1993.

HEPPENSTALL, E. “**Prossigamos para a Perfeição**”: o ensino bíblico sobre santificação e perfeição. In: RODOR, Amin; MILLI, Adriani; FOLLIS, Rodrigo. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.31-56.

KEENER, C. S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017

KNIGHT, G. R. **A Mensagem de 1888**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

KNIGHT, G. R. **Pecado e Salvação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

LOUW, J. P.; NIDA, E. A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2021.

MACARTHUR, J. **Comentário Bíblico MacArthur**: desvendando a verdade de Deus, versículo a versículo. Tradução de Eduardo Mano et al. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SIQUEIRA, P. **O conceito de perfeição bíblica no Antigo e Novo Testamentos**. Kerygma, Engenheiro Coelho, v. 5, n. 2, p. 199, 2º semestre 2009. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/197>. Acesso em: 14 de dezembro de 2025.

MCIVER, R. K. M. In: **Comentário Bíblico Andrews**, v. 3. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2024.

MEIRA JUNIOR, I. M. A hermenêutica da “teologia da última geração”. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 11, n. 2, p. 137–164, 2017.

MORAES, N. **Perfeição e Perfeccionismo**. In: RODOR, A; MILLI, A; FOLLIS, R. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.93-112.

SCHWARZ, R; GREENLEAF, F. **Portadores de Luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2009.

SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVA, R. **Perfeição Humana?**: uma análise linguística de Mateus 5:48. In: RODOR, A; MILLI, A; FOLLIS, R. Perfeccionismo: estudos sobre a perfeição à luz da Bíblia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2016. p.77-92. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/769>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SIQUEIRA, P. **O conceito de perfeição bíblica no Antigo e Novo Testamentos**. Kerygma, Engenheiro Coelho, v. 5, n. 2, p. 199, 2º semestre 2009. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/197>. Acesso em: 14 de dezembro de 2025.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

TRINITARIAN BIBLE SOCIETY. Hebrew New Testament. London: Trinitarian Bible Society, 1998.

WHITE, E. G. **Mensagens Escolhidas 3**. 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987

WHITE, E. G. **Para conhecê-lo.** [S.l.]: Ellen G. White Estate, 2013. E-book.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito.** 43. Ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, E. G. **Testemunhos para a igreja.** v. 9. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

ZUKOWSKI, J. **1888:** mensagem e história. In: SUÁREZ, A; TEIXEIRA, C. Justificação pela Fé: reflexões teológicas na perspectiva adventista. Benevides, PA: Norte Teológico, 2023. p.183-214.